

---

## O CINEJORNAL *KUXA KANEMA* E A IMAGEM DE SAMORA MACHEL

### THE *KUXA KANEMA* NEWSREEL AND THE SAMORA MACHEL'S IMAGE

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/21778-3748.2018.2.29734>

Pedro Oliveira Barbosa  
Mestrando em História – PUCRS  
peolba@gmail.com

**RESUMO:** Após a independência de Moçambique em 1975 Samora Machel tornou-se o primeiro presidente do país. Ele foi responsável por criar um regime autoritário que visava a construção nacional como maior prioridade. Foi nesse sentido que construiu o projeto do “Homem Novo”, que visava promover uma sociedade que unisse os valores do marxismo-leninismo com o combate aos valores tradicionais presentes naquele contexto. O objetivo desse trabalho é investigar o papel do cinejornal *Kuxa Kanema* na difusão desses valores que eram almejados pelo poder político através da análise da imagem de Samora Machel presente nele. Esse jornal foi produzido pelo Instituto Nacional de Cinema criado naquele período e veicula a imagem dele como um político carismático, popular, que se destacava como um legítimo marxista e com uma inquestionável liderança no cenário internacional. Mais que isso, ele se destaca como um líder profético, que guia o povo pelos caminhos que estão por vir, associado a figura do *mito do salvador* apontada por Girardet (1987).

**PALAVRAS-CHAVE:** Moçambique; Samora Machel; Kuxa Kanema.

**ABSTRACT:** After the independence of Mozambique in 1975 Samora Machel became the first president of the country. He was responsible for creating an authoritarian regime that aimed at national construction as a higher priority. It was in this sense that he built the "New Man" project, which aimed to promote a society that unites the values of Marxism-Leninism with the fight against the traditional values present in that context. The objective of this work is to investigate the role of the newsreel *Kuxa Kanema* in the diffusion of these values that were desired by the political power through the analysis of the image of Samora Machel present in him. This newsreel was produced by the National Cinema Institute created at that time and conveyed his image as a charismatic, popular politician who stood out as a legitimate Marxist and with an unquestionable leadership on the international stage. More than this, he stands out as a prophetic leader, who guides the people along the paths to come, associated with the figure of the *myth of the savior* pointed out by Girardet (1987).

**KEYWORDS:** Mozambique; Samora Machel; Kuxa Kanema.

## INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é relacionar dois elementos: o cinejornal *Kuxa Kanema*, e o projeto autoritário de construção de uma identidade nacional existente em Moçambique no

período do governo Samora Machel. Para isso será analisada aqui a narrativa relacionada ao presidente moçambicano no programa. Refletir sobre como se deu sua exaltação é refletir sobre os valores que estão sendo vinculados à tal líder, e, logo, sobre seu projeto político como um todo. De imediato, uma breve retrospectiva do processo de descolonização moçambicano é necessária na contextualização, para que se possa compreender alguns aspectos do momento estudado.

A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), foi um movimento anticolonial fundado em 1962 que combateu o colonialismo português. Dr. Eduardo Chivambo Mondlane foi seu fundador, e também eleito o primeiro presidente da frente em sua fundação, unindo três diferentes movimentos: UDENAMO, MANU e UNAMI, que representavam as três regiões de Moçambique: norte, centro e sul. Esses movimentos possuíam ideologias distintas e se uniram em prol da causa anticolonial em comum. Não entrará aqui a discussão quanto aos complexos conflitos internos presentes nos primeiros anos do movimento. É importante, entretanto, o entendimento de que até 1969 havia ainda uma formação politicamente heterogênea nos quadros dirigentes da FRELIMO e uma série de conflitos relacionados principalmente à questão étnica no país.

Foi com o assassinato de Mondlane em 03 de fevereiro de 1969 que Samora Machel chegou ao poder do movimento. De acordo com Visentini (2012), apesar dele ser aliado do mesmo grupo político que seu antecessor, era representante da ala militar da FRELIMO, agregando um radicalismo maior em torno dos valores marxistas e nacionalistas. Foi sob a liderança dele que, segundo o Relatório do Comité Central ao III Congresso da FRELIMO, o movimento assumiu oficialmente um discurso que alegava a existência de duas linhas políticas: uma revolucionária, que era aquela própria do seu grupo dirigente, e uma reacionária: com figuras como Lázaro Kavadame, Urias Simango, Mateus Gwengere, Paulo Gumane e outros, que, segundo Machel, era composta por oportunistas que visavam substituir os exploradores colonialistas. Foi nesse momento então que as lideranças da FRELIMO contrárias ao grupo que estava no poder foram expulsas do movimento, muitas delas sendo perseguidas e mortas pelo regime posteriormente.

Foi a FRELIMO com essa nova formação, liderada por Samora Machel, que deu continuidade à guerra anticolonial que durou até 7 de setembro de 1974, quando foi assinado o acordo de Lusaka, na Zâmbia, decretando o fim da guerra e o início da transição pela independência do país. Em 25 de junho de 1975 foi proclamada essa independência nacional, transformando o movimento em um partido político em regime de partido único, e Samora Machel no primeiro presidente de Moçambique. O regime adotado a partir de então foi o

socialismo. Com ele foram fundadas cooperativas e aldeias comunais. Foram fundados também campos de reeducação e prisões políticos, chamados também de *machambas*, para onde foram levados todos aqueles que estava contra o regime ou que não se adequavam ao ideal identitário pretendido. Pode-se caracterizar esse governo como autoritário a partir do conceito adotado por Linz (2015), que define um regime autoritário como aquele que possui uma pluralidade política limitada, uma mentalidade mais emocional do que racional (pouco estabelecida ideologicamente), carente de uma adesão popular extensa e nos quais um líder, ou um grupo reduzido de pessoas, exerce o poder dentro de limites formalmente mal definidos.

No caso analisado se estabelece um tipo de regime autoritário no qual existe a tentativa de mobilização das massas. Em casos assim, segundo o autor, é especialmente observável o autoritarismo através das relações internacionais do país, e da utilização de um discurso xenofóbico com relação a elas, de modo a buscar a adesão em torno de uma causa nacional. Nesse sentido, deve-se citar aqui que a formação de um movimento de oposição a FRELIMO chamado Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) desencadeou uma guerra civil no país após sua descolonização. O movimento teve apoio primeiro da Rodésia do Sul, governada na época por Ian Smith, onde foi fundado. Posteriormente, com a saída de Smith do poder e a fundação do Estado do Zimbábue, foi o regime sul africano de Peter Bota que passou a apoiá-lo. Esse movimento surge em protesto a esse regime socialista de partido único. Conseqüentemente, uma narrativa de coesão no combate a um inimigo externo pode ser observada nos discursos de Samora Machel durante todo o período de seu governo.

Além disso, a adesão popular que se está buscando trata-se também da adesão ao que Graça (2005) chama de uma cultura nacional, ou “cultura frelimista”. “A premissa era muito simples e derivava da ideologia marxista e dos condicionalismos da *luta pelo poder* no seio da FRELIMO: *o combate contra o tribalismo, o regionalismo e o racismo.*” (p. 229) Assim, além do “combate ao inimigo”, o governo busca uma mobilização popular em torno desses dois valores principais: o marxismo e o combate aos valores “tribais”. Pode-se dizer que era a partir desses elementos que buscava-se construir uma identidade nacional.

Dito isso, é fundamental destacar aqui duas das formas de difusão de valores em regimes autoritários que são destacadas na obra de Linz (2015). São elas: o controle dos meios de comunicação de massa e a presença de um líder carismático. Inclusive, “[...] o controle dos meios de comunicação de massas facilita a criação da ‘imagem’ do líder excepcional.” (p. 38)

Dessa forma, finalmente aborda-se aqui o Instituto Nacional de Cinema (INC), fundado no que Schefer (2012) aponta como o primeiro ato cultural do governo Machel. É a partir dessa instituição que, segundo Watkins (1995: 110):

Moçambique insistiu em fundir ideologia com forma, conteúdo e contexto, sendo pioneiro em um modelo bem sucedido de "guerrilha" que abraçou uma concepção Marxista de engajamento entre filmes e sociedade. Mais importante, a indústria de cinema foi nacionalizada, então as infraestruturas da produção, distribuição e exibição foram criadas e apoiadas por um governo que via o cinema como uma força vital na educação e desenvolvimento pós-colonial. (Tradução livre)

É então na produção nacional desse cinema engajado politicamente que se fez em 1978 o programa de atualidades *Kuxa Kanema*, um cinejornal semanal com duração média de 10 minutos. Os assuntos nesses cinejornais são os mais diversos da vida cotidiana em Moçambique, abordando as políticas públicas, as questões internacionais, e acontecimentos culturais e esportivos.

Para a realização de tal análise é fundamental em um primeiro momento abordar mais profundamente o projeto político de construção da identidade nacional em questão. Em segundo lugar, será realizada uma reflexão sobre o papel do Instituto Nacional de Cinema nesse processo, de modo a entender como ele se vincula ao projeto político. Para, por fim, realizar-se a análise das aparições de Samora Machel nos cinejornais *Kuxa Kanema* nessa perspectiva.

Essa abordagem de pesquisa visa primeiramente contribuir com a desconstrução de um imaginário existente no Brasil que vê o continente africano como unitário, ignorando a enorme diversidade presente nele. Assim, busca-se demonstrar a grande complexidade identitária existente naquela realidade a partir de um projeto político que é por si só complexo também. Tal percepção contraria essa visão “simplista” do continente. Além disso, busca contribuir com os estudos referentes as experiências socialistas, demonstrando o uso dos meios de comunicação pelo Estado moçambicano e sua relação com o regime. Por fim, busca realizar uma descrição de um processo ainda pouco estudado no Brasil, visto que poucas pesquisas foram realizadas no país referentes tanto ao Instituto Nacional de Cinema quanto ao cinejornal *Kuxa Kanema*.

## **O PROJETO DO “HOMEM NOVO” EM MOÇAMBIQUE**

É fundamental citar aqui que em 1975, ano em que a FRELIMO chegou ao poder em Moçambique, não era possível aplicar o conceito clássico de Nação a população do país. Segundo Anthony Smith (1997), o modelo teórico clássico ocidental define a nação como aquela que possui determinados elementos. São eles: um “território histórico”, ou seja, um espaço territorial bem definido historicamente tão relacionado a determinado povo que é como

se pertencessem um ao outro; uma ideia de “pátria”, que seria uma comunidade de leis e instituições centralizadas e unitárias com um propósito político único dentro desse território; uma “consciência de igualdade” entre os membros dessa mesma comunidade, que é garantida através de direitos civis, legais e políticos; e, por fim, uma “ideologia e cultura cívica” comum, que é indicada por determinados valores, tradições, memórias e mitos históricos que são compartilhados, uma cultura que une a população em sua terra natal.

Essa Nação, entretanto, passa por um processo de construção política, uma vez que, segundo aponta o autor (p. 24) “A tarefa de assegurar uma cultura coletiva pública comum foi entregue a órgãos de socialização popular, como o sistema público de educação e os meios de comunicação”. Mais que isso, é a identidade nacional que sustenta um Estado do modo como o conhecemos hoje, uma vez que toda a sua estrutura política se baseia em critérios de interesse nacional. Logo, quando a FRELIMO chegou ao poder e passou a buscar o estabelecimento de um Estado moderno, a preocupação com essa construção passou a ser uma prioridade.

Nesse sentido, é relevante a compreensão de que até então, segundo afirma Paredes (2014), existia a consciência por parte dos membros do movimento de que havia uma enorme diversidade “tribal” no país que dificultava essa formação. O grupo adotava uma definição de “tribais” que destacava a “adoção de uma língua comum”, de “usos e costumes” e de “organização militar e econômica”. Portanto, tais grupos presentes no espaço moçambicano seriam Nyanja, Macua, Yau, Maconde, Sena, Shona, Ndaui, Tsonga-Vatsua-Ronga e Nyungue.

Uma vez que, conforme o modelo clássico visto anteriormente, o apelo a um passado histórico faz-se necessário entre os elementos da construção nacional, se faria então impossível tal construção no país, visto que essa variedade de grupos étnico-tribais, reunidos no mesmo território político, possuía línguas próprias, usos, costumes, histórias e tradições próprios, e “territórios históricos” distintos. Tentar uma construção nacional unitária utilizando-se de elementos passados entre esses povos seria uma tarefa impensável, principalmente tratando-se de um país descolonizado tardiamente onde a criação de um Estado moderno era tratado como prioridade.

Sendo assim, cabe citar aqui que, segundo Chabal (2008), na África essa formação de uma unidade nacional pode possuir uma lógica distinta então, justamente devido a essa peculiaridade na formação de seus Estados relacionada à lógica colonial. No continente, os projetos nacionais são impulsionados no momento da luta por libertação, promovendo a modernização dessas sociedades, de tal modo que às novas nações seriam um apelo ao futuro ao invés de um regresso ao passado. Macamo (2002) elabora um modelo que corrobora tal raciocínio: existiam dois saberes naquele momento, um Saber Tradicional, intimamente ligado

a noção de grupo étnico-tribal, e um Saber Colonial, que se relaciona a intervenção colonial e a instituições que permitiam a manipulação daquela sociedade. O Saber Africano seria um modelo que surge em oposição a esses dois, projetando uma África futura em relação ao momento atual, negando os outros dois saberes.

A nação que se busca construir em Moçambique a partir de sua descolonização se baseia então nessa lógica de rompimento com o passado para projetar uma sociedade futura, a exemplo desse modelo praticado na África. Buscava-se sim a unidade através de um território, de instituições centralizadas e unitárias, com consciência de igualdade entre os cidadãos e com uma cultura nacional. Entretanto, tais elementos não estariam evocados com relação a um passado histórico. Pelo contrário, haveria um rompimento com esse passado em prol da projeção de um futuro nacional, terminando-se com o “velho Moçambique”. Em seu lugar, materializa-se a proposta de construir um “Homem Novo”.

O projeto do “Homem Novo” é o projeto que busca difundir a “Cultura Frelimista” citada anteriormente, a partir dos dois principais alicerces: um projeto de cidadão aliado aos ideais do marxismo-leninismo, linha política adotada pela FRELIMO; e um projeto de cidadão que combate o que o partido chama de “tribalismo”, relacionado a diversidade étnica-tribal do país. Cabe aqui refletir individualmente sobre os valores relacionados a cada um desses dois projetos.

## **O MARXISMO-LENINISMO**

A via marxista-leninista foi adotada oficialmente pela FRELIMO em 1977 no III Congresso do Partido. A análise dessa questão leva necessariamente a uma retomada do contexto internacional no período.

O ano de 1960 entrou na história, segundo Milhazes (2010), como o “Ano da África”, marcado pela proclamação da independência de 17 novos Estados africanos. Esse momento geopolítico levou à União Soviética, em disputa de influência internacional com os Estados Unidos, a focar suas atenções no continente nas décadas seguintes. Wested (2007) afirma que o papel cada vez maior da União Soviética no cenário internacional levou os líderes africanos a verem cada vez mais a URSS como um contrapeso aos EUA, aliado de muitos regimes coloniais ou “racistas” no continente.

Foi justamente esse o caso em relação a FRELIMO. Os Estados Unidos apareciam para eles não apenas mantendo relações com os colonizadores portugueses, como também tendo grande proximidade ao regime do *apartheid* na África do Sul e na Rodésia do Sul. Assim sendo,

a União Soviética, bem como outros países que buscavam ampliar sua influência, como a China, apoiaram a FRELIMO praticamente desde o momento da sua fundação, enviando armamento, tecnologia militar e oficiais para combater ao lado das guerrilhas na guerra anticolonial.

Esse apoio manteve-se durante todo o período da guerra contra o colonialismo português, e refletiu na política das *zonas libertadas* pela FRELIMO. Macagno (2009) aponta inclusive que a adoção do marxismo-leninismo estava relacionada a um processo intrínseco vinculado a singularidade e às especificidades da luta anticolonial. Já nesse período verifica-se a formação de *aldeias comunais*, *assembleias populares* e de escolas de aprendizagem marxista.

Shubin (2008) demonstra que os dirigentes soviéticos não viram com bons olhos a troca no poder do movimento de Eduardo Mondlane por Samora Machel. Enquanto o primeiro era muito ressaltado por ser um intelectual, que impressionava pela oratória e pelos conhecimentos profundos e enciclopédicos, o segundo é visto como um homem sem estudos e com certo “extremismo de esquerda”. Entretanto, naquele momento a descolonização do país já se mostrava uma questão de tempo, de modo que a disputa que continuava em aberto era quanto a qual via que seria adotada pelo país pós-descolonização. Isso levou os soviéticos a estreitarem cada vez mais seu apoio diplomático ao movimento, levando o mesmo a adotar a via marxista-leninista em 1977 em seu III Congresso.

É valoroso acrescentar aqui, entretanto, que apesar de oficialmente o partido se autodeclarar marxista-leninista, diversos autores (NEWITT, 2002; VIEIRA, 2011; MALOA, 2011; PAREDES, 2014) demonstram que na prática o regime sofria múltiplas influências teóricas, como de Amílcar Cabral, Julius Nyerere ou Mao Tsé-Tung, não seguindo apenas o modelo marxista-leninista clássico desenvolvido na União Soviética. Desta forma, à escolha de tal via estaria relacionada principalmente com questões de interesse diplomático, e não ideológico.

O discurso adotado a partir de 1977 é então o de que a via marxista-leninista seria a única que possibilitaria o combate ao imperialismo no interior de Moçambique, e que esta estaria constantemente ameaçada pelo imperialismo norte-americano, que agia aliado ao colonialismo e ao racismo. O colonialismo português passa assim a ser apontado muito em relação ao capitalismo, de modo que qualquer forma de capitalismo seria apenas uma maneira de substituir o “explorador branco” por um “explorador negro”, ou então de substituir um “imperialista” estrangeiro por outro. Dessa forma, o marxismo-leninismo surge como um claro combate ao passado colonial presente no país, e um “Homem Novo” moçambicano, pertencente a nova nação, passa a ser apontado como aquele engajado em seus valores. Uma nova

sociedade, modernizada, visando o desenvolvimento e um futuro melhor, só poderia existir a partir do engajamento da nação em torno desses valores.

### **O COMBATE AO “TRIBALISMO”**

Conforme dito anteriormente, a questão étnica foi um fator de conflitos no interior da FRELIMO durante o período da guerra anticolonial. Não é a proposta do presente artigo aprofundar as questões relativa a tais conflitos, uma vez que a questão aqui analisada se dá em um momento posterior aos mesmos. Sérgio Chichava, no artigo “Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique” (2008) apresenta tal questão de forma mais completa. É de fundamental importância, entretanto, realizar uma breve explicação quanto ao contexto dos mesmos, como forma de compreender determinadas questões implícitas ao projeto de nação aqui abordado.

Isto posto, entende-se que Moçambique divide-se em três regiões: norte, centro e sul. A região do Sul, onde está a província de Maputo, foi aquela em que o aparato político do colonialismo português se fez mais presente. Deste jeito, essa província apresentava um maior desenvolvimento em relação ao restante do país. É dessa região também que é proveniente a maior parte dos dirigentes da FRELIMO no período de sua fundação, incluindo Eduardo Mondlane e Samora Machel. Isso, por si só, já causou determinados conflitos, uma vez que alguns integrantes do movimento reivindicavam representação para suas etnias nesses quadros e acusavam esses líderes de um “tribalismo” em favor das etnias changane (proveniente do Sul). Além disso, a guerra anticolonial se deu a partir do Norte do país, junto à fronteira da Tanzânia, de modo que as *zonas libertadas* foram, durante a maior parte da guerra, nas regiões norte e centro do território, mesmo sendo liderada por dirigentes do sul.

Dessa forma, a questão étnica sempre se mostrou um problema para tais dirigentes. Foi nesse contexto que o movimento, posterior partido único, passou a defender uma política de combate ao “tribalismo”, como forma de combater os diversos tipos de problemas implícitos à essa questão. O discurso adotado era de que em Moçambique não deveria haver mais diversos povos, mas apenas “moçambicanos”. Assim, segundo Sérgio Vieira (2011), membro fundador da FRELIMO e ocupante de diversos cargos no governo Machel, (p. 285) “Para a FRELIMO o racismo, o tribalismo ou o regionalismo, como dizia Samora *combatiam-se com as mesmas armas que o colonialismo. Matar a tribo para fazer nascer a Nação [...]*”

Segundo Chichava (2008), a própria expressão “tribalismo”, constantemente utilizada nos discursos de Samora Machel e de outros dirigentes do período, já evoca uma conotação

negativa, indicando a “exclusão do que não pertence a nossa tribo” e relacionando-se com a manipulação de identidades étnicas.

Conseqüentemente, diversas políticas passam a ser implantadas no sentido de construção desse “Homem Novo” moçambicano. Paredes (2014) aborda tais medidas. Primeiramente, a própria escolha do português como língua oficial, e da proibição das demais línguas, relaciona-se já com tal discurso. Além disso, documentos do III Congresso do partido demonstram que suas respectivas políticas culturais, produtivas, de comunicação, de saúde e educativas, por exemplo, focam em tirar o protagonismo dos líderes tradicionais, dos curandeiros e das práticas até então implantados, em prol de um modelo que se alegava “moderno” e científico.

Por fim, conforme já citado, foram também criados campos de reeducação de cultivo rural, chamados *machambas*, para onde eram enviados todos aqueles indivíduos que simbolizavam valores e práticas moral ou politicamente condenáveis. Lá, trabalhavam durante o dia, construía suas palhotas e, finalmente, assistiam cursos de marxismo-leninismo, numa forma de reconversão política aos “tribais” (ligados a esse passado étnico que estava sendo combatido) e aos “corruptos” (que não seguiam os ideais do marxismo-leninismo, e por isso estariam ligados ao imperialismo).

Foi a partir dessas medidas que a FRELIMO, sob governo de Samora Machel, buscou construir uma Nação em Moçambique formada por “Homens Novos”. O período em que isso se deu foi entre 1975 e 1986. Pode-se afirmar que essa “negação a diversidade” proposta não foi bem-sucedida, uma vez que a diversidade étnica é própria daquelas populações e se faz presente inclusive na FRELIMO em sua fundação. Desse modo, após à morte de Machel a política moçambicana passa por uma série de transformações e tais práticas são alteradas. Foi também durante esse tempo que o Instituto Nacional de Cinema esteve em maior evidência nas políticas nacionais.

## **O INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA**

Já durante o período da guerra anticolonial o cinema aparece para a FRELIMO como essencial ferramenta política. Segundo Soranz (2014) a produção de filmes no período está relacionada a legitimação internacional do movimento. O filme *Behind The Lines*, dirigido em 1970 por Margaret Dicknson (1970), por exemplo, apresenta o movimento, seus integrantes, sua organização, atividades nas *zonas libertadas* e ideologias. Tudo é legendado em inglês, de

modo a apresentar para o exterior o movimento como legítimo diante de suas causas para os países estrangeiros.

Sendo assim, no momento em que o partido chega ao poder no país, a adoção do cinema como ferramenta de comunicação é uma evolução lógica do modelo proposto até então. Além disso, diversos países socialistas apresentavam estruturas nacionais de cinema. Segundo Convents (2011), foi mais diretamente o caso do Instituto Cubano Del Arte y La Indústria Cinematográfica (ICAIC) que serviu de modelo para o Instituto Nacional de Cinema (INC) de Moçambique.

Conforme dito já anteriormente, Schefer (2012) afirma que o INC foi fundado no primeiro ato cultural do governo Machel. Seu papel já em um primeiro momento passa a ser o controle das imagens que chegam aos Moçambicanos. Isso se dá através de diversas ações enumeradas por Convents (2011), como por exemplo o controle político das salas de cinema, a criação de um cinema-móvel e a produção de diversos filmes.

Tal ênfase na política cultural torna-se clara na obra de Gonçalves (2007), uma vez que o autor aponta a centralidade da cultura no projeto político do período (2007: 605):

Para os dirigentes e intelectuais moçambicanos, a formação do Homem Novo era um problema cultural. No entendimento de Sérgio Vieira (1977), a difusão, a propagação, a promoção e o desenvolvimento de nova cultura são as mais importantes dimensões na criação do Homem Novo. Por isso que Machel (1979b) defendeu a centralidade da cultura para a revolução.

Watkins (1995) afirma então que tais ações do Instituto Nacional de Cinema eram engajadas com uma política marxista que se estava propondo e correspondiam aos objetivos do governo em termos culturais, educativos e de informação. O autor chega a definir o instituto como o mais poderoso centro de engajamento político e econômico da África. Tavares (2013) concorda com ele, uma vez que reflete sobre o cinema nos países da África Lusófona, concluindo que em Moçambique e Angola tais instituições tinham o claro objetivo de contribuir no reforço de um regime socialista e criar uma identidade nacional.

Mais especificamente sobre as produções do INC, Soranz (2014) aborda às influências de algumas personalidades cinematográficas internacionais na concepção do cinema moçambicano, visto que alguns diretores de enorme renome se deslocaram ao país para fazer parte dos quadros do Instituto. A maior parte deles esteve ligada ou a produção de documentários, ou a formação de jovens documentaristas. Essa análise é importante para compreender a instituição como um todo e a lógica de produções que englobou o cinejornal *Kuxa Kanema*.

Patraquim, um dos principais roteiristas do Instituto Nacional de Cinema, com participação inclusive em diversos episódios do cinejornal, destacou em entrevista à revista *Expresso* de Portugal (2009, apud CONVENTS, 2011, p.435): “Moçambique foi à época uma espécie de Meca do cinema para os cineastas de esquerda e foi aí parar muita gente essencial: o Godard, o Jean Rouch, o Santiago Alvarez, o Ruy Guerra. Nós desatámos numa produção desenfreada de documentários [...]”

É de destaque, então, a existência de uma “cultura documental” nas produções do Instituto Nacional de Cinema. Entre 1975, quando foi fundado, e 1986, quando Samora Machel morreu em um acidente aéreo e as produções foram praticamente interrompidas no país, 395 cine-jornais, 119 curtas documentais e 13 longas documentais foram produzidos (WATKINS, 1995). Tal escolha justifica-se na obra de Nova (1996), que afirma que “A aparência de objetividade e de neutralidade dos documentários acaba por facilitar sua utilização propagandística e cria seus próprios mecanismos de indução, ocultação e falsificação dos fenômenos históricos, aos quais o historiador deve estar muito atento.”.

Pode-se dizer então que o INC possuía um objetivo bastante claro e estabelecido com sua produção cinematográfica, o qual estava completa sintonia com determinados valores políticos já citados. Tanto as fontes quanto a historiografia a respeito de tal instituição permitem dizer que se tratava de um órgão político que buscava promover o marxismo e um ideal indenitário com o objetivo de através do cinema alcançar uma coesão nacional. Resta agora investigar mais profundamente o que foi o cinejornal *Kuxa Kanema*, se ele está de acordo com tal proposta e, sobretudo, como a figura de Samora Machel no programa está relacionada a tais objetivos.

## O CINEJORNAL KUXA KANEMA

Segundo a Enciclopédia Intercom de Comunicação (2010) o Cinejornalismo é uma forma de jornalismo veiculado pelo cinema que busca registrar a realidade imediata. Ele evoluiu atrelado ao desenvolvimento do documentário, que por sua vez aparece definido como “o espaço ideal para a discussão de temas sociais, políticos e históricos, diretamente relacionado à realidade e à verdade, filmado em locações verdadeiras, sem a ajuda de atores profissionais”. (P. 198)

Portanto, o programa de atualidades *Kuxa Kanema* foi um cinejornal que passou a ser veiculado em Moçambique no ano de 1978. Convents (2011) afirma que, segundo Patraquim, a ideia de produzir um programa de atualidades deve-se muito ao brasileiro José Celso Martinez

Correa, que, conforme citado anteriormente, faz parte da leva de estrangeiros que foi para Moçambique no período para compor os quadros do Instituto Nacional de Cinema.

Tal programa foi produzindo a partir de 1977, de maneira mais esporádica e menos organizada, e a partir de 1981 semanalmente. Entre os realizadores de tal produção, ao longo dos anos, destacam-se Fernando Silva que foi câmera e diretor dos primeiros episódios, Patraquim, e Graça Felner, que escreveram os roteiros e Sol de Carvalho e Camilo de Sousa, também diretores ao longo do tempo. Sua exibição se deu tanto nos cinemas do país, sendo apresentados antes dos demais filmes, quanto no cinema-móvel, viajando aos mais remotos pontos do território moçambicano.

É lamentável que em 1991 um grande incêndio tenha atingido à sede do INC, que naquele ponto já se encontrava com pouquíssimas atividades, levando a cabo uma grande parte de seu arquivo. Parte da produção do *Kuxa Kanema* se perdeu nesse incêndio. A análise aqui proposta baseia-se então em coleções publicadas pelo Instituto Nacional de Audiovisual e Cinema (INAC), órgão que veio a substituir o INC, que em 2013 publicou, a partir do material que foi preservado, 35 episódios do cinejornal. 17 deles são datados do período entre 1978 e 1979, enquanto outros 18 são datados do ano de 1981.

Entre esses 35 episódios, Samora Machel é mostrado em 30 reportagens. A proposta de análise aqui realizada irá dividir suas aparições em quatro principais temáticas: 1) as relações internacionais; 2) o marxismo-leninismo; 3) a luta contra o tribalismo; e 4) a figura de Samora Machel.

## UM LÍDER INTERNACIONAL

A primeira questão analisada aqui só poderia ser quanto as aparições de Machel relacionadas à questão internacional. Nas edições analisadas do *Kuxa Kanema* o presidente moçambicano é mostrado repetidamente se envolvendo em assuntos do cenário global, sendo esse o tema mais recorrente relacionado a ele. Chefes de Estado da Coreia do Norte, Angola, Bulgária, Alemanha Oriental, Argélia, Cabo Verde, Congo, Zâmbia, Suécia, São Tomé e Príncipe, Itália e Tchecoslováquia são mostrados em reuniões políticas com Samora Machel ao longo da amostragem analisada.

O clima dessas reuniões sempre é de grande amizade entre os políticos, e elas costumam acompanhar acordos de cooperação e amizade mútua entre os países. Samora sempre é mostrado recebendo calorosamente os visitantes estrangeiros. Nos discursos, repete-se a afirmação de que os países são companheiros na luta contra o colonialismo e o imperialismo,

passando uma clara impressão de que havia uma grande cooperação internacional contra determinados “inimigos externos”. Nos casos dos países socialistas, a maioria entre os citados, o discurso de Samora, bem como a locução de fundo, enfatizavam essa cooperação socialista. Em algumas oportunidades, especialmente naquelas que envolvem outros países africanos como Congo e Angola, esse discurso mais inflamado contra um inimigo externo é realizado, em clara alusão a África do Sul.

Fica clara essa aproximação realizada com determinados países no caso angolano, onde um discurso de Samora Machel exaltando seu líder Agostinho Neto afirma que ele “É o companheiro Agostinho Neto que fundou o MPLA, e fundou o MPLA quer dizer que organizou a unidade de Angola de Cabinda ao Cunene”. (*Kuxa Kanema* 08, 1978/79) Essa expressão, “de Cabinda ao Cunene”, relaciona-se claramente com “do Rovuma à Maputo”, seu equivalente moçambicano que indica os extremos norte e sul do país, em uma alusão a união unitária nacional.

Sobre essa questão, é evidente então a construção de Samora Machel nos cinejornais como um grande líder internacional, que recebe diversos visitantes estrangeiros, com os quais constrói uma relação de amizade e cooperação, opondo-se a um inimigo que é sempre apresentado por ele de maneira agressiva, com termos como “racistas”, “imperialistas” ou “exploradores”. Em vários momentos ele exalta a “linha de frente” no combate contra o imperialismo e o racismo, além de sempre enfatizar sua própria imagem como promotor desse enfrentamento.

## UM SOCIALISTA CONVICTO

A questão do socialismo também é muito relacionada a figura de Samora Machel no *Kuxa Kanema*. Isso aparece quando se trata das relações internacionais, conforme demonstrado na seção anterior, mas também nos assuntos nacionais. Nesse sentido, sua imagem é constantemente relacionada a práticas como a de *planificação econômica* ou da criação de *aldeias comunais*. Destaca-se, por exemplo, o discurso de Machel em eventos como a “I Conferência Nacional de Planificação”. Ele é exibido destacando o caráter socialista dessas práticas de maneira a exaltá-las, dizendo que a partir delas se irá “planificar realidades mais vastas” e que “edificar as aldeias é a palavra de ordem dominante para melhorarmos nossa vida rumo ao socialismo.” (*Kuxa Kanema* 02, 1978/79)

O próprio discurso de Samora Machel no III Congresso da FRELIMO anunciando que o país irá optar pela via marxista-leninista foi exibido no programa. Além disso, fica claro que

nesse sentido busca-se apresenta-lo conectado as massas moçambicanas, uma vez que discursos dele falando sobre a luta socialista são mostrados em contraste às celebrações de 1 de maio em Moçambique, onde uma grande quantidade de pessoas desfila com bandeiras marxistas para celebrar o dia dos trabalhadores.

Outra pauta que aparece muito associada a Machel, e ao socialismo, é quanto às nacionalizações. Nesse sentido, destaca-se um grande discurso que ele fez, com grande público no “Dia das Nacionalizações”, onde as massas, bastante mobilizadas, celebram suas palavras quando ele anuncia a nacionalização dos hospitais. Em seguida, a locução afirma ainda que ele anunciou nacionalizações nas áreas da educação, saúde, advocacia, agências funerárias e da terra.

Por fim, pode-se dizer então que o *Kuxa Kanema* busca construir uma imagem de Machel como um grande líder socialista, que está conduzindo Moçambique, através de *nacionalizações, planificação da economia* e construção de *aldeias comunais* até o “destino final” que seria alcançado, onde o bem-estar social estaria presente. Ainda, nesse sentido ocorre a busca por relacionar a figura do presidente a do povo moçambicano, que é mostrado em muitas vezes em contraste a ele quando se fala nesse assunto, sempre de modo engajado a construir esse socialismo.

## O FIM DO “OBSCURANTISMO”

A questão da luta contra o “tribalismo”, ou contra o “obscurantismo” (palavra também pejorativa utilizada em referência às práticas tradicionais das diferentes etnias) está também presente nas aparições de Samora Machel no programa, entretanto aqui uma ressalva deve ser feita: de certa forma, existe a construção de que foi ele o responsável por criar um “Moçambique unido de Rovuma a Maputo”, de modo que um povo unificado é mostrado constantemente em contraste ao presidente, não havendo muitas referências a população “tradicional”.

Ainda assim, alguns elementos devem destacar-se aqui. O primeiro é o fato de que em diversas ocasiões, em discursos que Machel fala sobre os inimigos (o colonialismo, o imperialismo e o racismo) ele inclui o “obscurantismo” como um desses inimigos, em referência clara a elementos tradicionais da sociedade.

Além disso, é digno de nota aqui uma visita dele a uma escola em Maputo, na qual ele aparece cobrando os alunos pelo seu mau desempenho nas aulas e pela falta de cuidado com a escola, que é mostrada suja e desorganizada. O locutor afirma que Samora teria dito então: “Se os alunos não aprendem aqui na escola a ganharem gosto pela beleza e pelo bem-estar, eles não

aprendem a arranjar um jardim e depois, a sombra daquilo que construírem, usarem a alegria desse benefício, amanhã as suas casas continuarão como a de seus avós. ”. (*Kuxa Kanema* 06, 1981) Ao falar de “seus avós” ele está então referindo-se as antigas práticas presentes em Moçambique, que não devem estar presentes nessa nova geração.

## O LÍDER DO POVO

Por fim, o último elemento que será aqui trabalhado não se trata especificamente de um assunto abordado no programa, mas sim de uma constatação quanto à relação entre Samora Machel e o povo que ele busca constituir. Em todas as aparições do presidente que se dão em espaços públicos analisadas é perceptível o destaque que se dá para a população em torno dele, normalmente acompanhada por bandeiras de Moçambique e cartazes com seu rosto ou com símbolos socialistas.

Nas visitas dos líderes estrangeiros, Samora Machel é mostrado recebendo tais lideranças no aeroporto, enquanto uma grande massa popular está ao redor deles. Inclusive no caminho que costumam fazer do aeroporto até um local de reuniões ou palestras as ruas são tomadas pelo povo eufórico com suas bandeiras e cartazes.

O mesmo pode se dizer quanto às aparições do presidente sozinho em eventos em Moçambique. Cabe um destaque aqui quanto ao dia das nacionalizações, já citado anteriormente. A palestra mostrada de Samora Machel acontece em um grande estádio, e as câmeras do *Kuxa Kanema* dão grande destaque a grande massa popular que assiste a fala do presidente respondendo de maneira eufórica a seus gritos de “Viva Moçambique” e “Viva o povo unido do Rovuma a Maputo”. Nessa ocasião, Samora Machel fez um discurso que exalta as políticas socialistas e ataca os “inimigos externos”, afirmando que “em todo o território moçambicano médicos particulares devem fechar as suas clínicas, devem fechar seus consultórios, e irem aos hospitais do Estado para servirem ao povo” (*Kuxa Kanema* 09, 1978/79). Enquanto a fala é aplaudida pelo público, as câmeras enfatizam uma grande faixa com o rosto de Samora Machel, em tamanho bastante superior ao das bandeiras citadas anteriormente. “Vá para a África do Sul, e vá para outra parte, onde explorará à vontade. O nosso povo não lutou para ser explorado”, conclui o líder da FRELIMO.

Outro elemento a se destacar quanto a isso é a presença do exército nessas ocasiões, mostrado sempre em formação, extremamente alinhado e prestando reverências ao presidente ou marchando ordenadamente. Quanto a isso, pode-se dizer que uma questão de hierarquia social quanto a Machel também é enfatizada nos episódios analisados do *Kuxa Kanema*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a respeito do cinejornal *Kuxa Kanema* é esclarecedor quanto a realidade moçambicana em sua primeira década pós-colonial. Refletir sobre o papel dado a Samora Machel nesses programas é, então, fundamental para compreender seu regime político como um todo, visto que a exaltação do líder é bastante clara nessas produções do Instituto Nacional de Cinema. Cabe a lembrança aqui de que essa era uma instituição estatal com conhecidos objetivos políticos.

Samora Machel é apontado na obra como uma grande liderança africana do socialismo internacional. É um presidente que recebe uma série de visitas de autoridades africanas e de outros continentes e toma a frente em assuntos de interesse estrangeiro, combatendo os inimigos externos e mobilizando os países amigos em uma luta contra esses inimigos.

Em segundo lugar, ele é representado como um socialista capaz de mobilizar às massas em torno da causa do marxismo-leninismo. Suas conquistas, com políticas recorrentes nos países socialistas como as *nacionalizações*, a *planificação econômica* e a criação de *aldeias comunais* são constantemente exaltadas no cinejornal, tanto nos discursos dele quanto pelos locutores enquanto imagens dele são mostradas. A mobilização popular em torno dessas políticas também recebe destaque.

O combate aos valores “tribais”, por sua vez, aparece de uma maneira muito mais tímida. Não se está dizendo aqui, entretanto, que essa causa não era associada a Machel nas produções. Muito pelo contrário. Pode-se dizer que nesse sentido o objetivo é uma política de fingir que esses valores não faziam mais parte da sociedade. Os cinejornais tratam como se existisse uma população unificada em torno dos valores do “homem novo”, praticamente alheia a práticas anteriores do país.

Dito isso, é possível concluir então que a figura de Samora Machel é exaltada no *Kuxa Kanema* como a de um grande líder de uma população formada por “homens novos”. Ele está sendo associado a todos aqueles valores ditos anteriormente como relativos ao projeto de construção nacional em vigor naquele período. Mais que isso, ele está sendo representado como uma liderança que consegue mobilizar toda a população nacional, “do Rovuma a Maputo”, em torno de tais valores.

Assim sendo, acredita-se que a narrativa que se busca construir em Moçambique relacionada a Samora Machel é justamente em relação aos valores nacionais já citados. Mais que isso, ela busca construir heróis e vilões relacionados a eles. Barkin (1984, apud Bird e

Dardenne) indica que os jornais justamente contam “estórias” nos quais existe a derrota do mal e o triunfo do bem, de modo a controlar as reações do público. Nesse sentido, Samora Machel é o “herói” construído nessa narrativa. Ele aparece relacionado ao que Girardet (1987) define como o *mito do salvador*, aquele líder profético, que anuncia os tempos que estão por vir e guia o povo pelos caminhos futuros. Ele é então o grande “pai da nação”, que está conduzindo seu povo em direção ao socialismo e a união nacional, deixando para trás os valores “obscuros” e chegando ao grande futuro próspero prometido.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 2008.

BEHIND The Lines. Direção: Margaret Dickson, Moçambique: 1970.

BIRD, E. e DARDENNE R. Mito, registo e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa, Portugal: Vega, 1993.

CHABAL, P. Imagined Modernities: Community, Nation and State in postcolonial Africa. In: PIMENTA, Fernando Tavares; SOUSA, Julião Soares; TORRALBA, Luís Reis. (org.). **Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismos em África**. Coimbra, Portugal: IU, 2008.

CHICHAVA, S. Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique. **Discussion Paper**, Madrid, Espanha: IESE, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/Etnicidade.pdf> Acesso em: 19 mai. 2016.

CONVENTS, G. **Os moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: Uma história político-cultural do Moçambique colonial até à república de Moçambique (1896-2010)**. Maputo, Moçambique: Edição Dockanema/Afrika Film Festival, 2011.

**Enciclopédia INTERCOM de Comunicação**. São Paulo, Brasil: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, A. C. G. A concepção de politecnia em Moçambique: contradições de um discurso socialista (1983-1992). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, Brasil: v. 33, n. 3, p. 601-619, set./dez, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28069>> Acesso em: 24 mai. 2016.

GRAÇA, P. **A Construção da Nação em África** (ambivalência cultural em Moçambique). Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2005.

LINZ, J. **Autoritarismo e Democracia**. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte, 2015.

MACAGNO, L. Fragmentos de uma Imaginação Nacional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 24, N. 70, Jun, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092009000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092009000200002)> Acesso em: 4 mar. 2017.

MACAMO, E. A Constituição duma Sociologia das Sociedades Africanas. **Estudos Moçambicanos**, Maputo, Moçambique: n. 19, 2002. p. 5-26

MACHEL, S. O partido e as classes trabalhadoras moçambicanas na edificação da democracia popular. **Relatório do Comitê Central ao III Congresso da FRELIMO**. Maputo, Moçambique: Edições Avante, 1978.

MALOA, J. M. O lugar do marxismo em Moçambique: 1975-1994. **Revista Espaço Acadêmico**, n.122, julho de 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/510>> Acesso em: 14 mai. 2017.

MILHAZES, J. **Samora Machel: Atentado ou acidente?**. Lisboa, Portugal: Alètheia Editores, 2010.

NEWITT, M. *Mozambique*. In: CHABAL, Patrick. **A History of Postcolonial Lusophone Africa**. Indiana, Estados Unidos: Indiana University Press, 2002.

NOVA, C. O cinema e o conhecimento da História. **O Olho da História**, n. 3, dez. 1996. Disponível em: <<http://www.oolahistoria.ufba.br>> Acesso em: 12 nov. 2017.

O MUNDO em Imagens I. INAC: 2012, Moçambique.

O MUNDO em Imagens II. INAC: 2013, Moçambique.

PAREDES, M. A Construção da Identidade Nacional moçambicana no pós-Independência: sua complexidade e algumas problemas de pesquisa. **Anos 90 (UFRGS. Impresso)**, Porto Alegre, Brasil: v.21, p.131-161, 2014.

SCHEFER, R. **O nascimento da ficção**. Tubarão, Brasil: Poiésis, v.5, n.9, 2012. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/976>> Acesso em: 19 mai. 2016.

SHUBIN, V. **The Hot “Cold War”**: The URSS in Southern Africa. Londres, Inglaterra: Pluto Press, 2008.

SMITH, A. **Identidade Nacional**. Lisboa, Portugal: Gradiva, 1997.

SORANZ, G. O Instituto Nacional de Cinema e outras experiências audiovisuais em Moçambique no seu período pós-colonial. **Contemporanea**, Salvador, Brasil: v.12, n.1, 2014. p. 147-164.

TAVARES, M. Cinema Africano: Um possível, e necessário, olhar. **Contemporânea**, Salvador, Brasil: v.11, n.3, set-dez, 2013. p. 464 – 470

VIEIRA, S. **Participei, por isso testemunho**. Maputo, Moçambique: Ndira, 2011.

VISENTINI, P. **As revoluções africanas - Angola, Moçambique e Etiópia**. São Paulo, Brasil: Editora Unesp, 2012.

WATKINS, C. Portuguese african cinema: historical and contemporary perspectives 1969 to 1993. **African Literatures**, Indiana, Estados Unidos: v.26, n.3, 1995. P. 134 - 150.

WEBER, M. A Política como vocação. In: **Ensaio de Sociologia**. 5ª Edição. Rio de Janeiro, Brasil: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1982.

WESTAD, O. **The Global Cold War**. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 2007.

ARTIGO ENVIADO EM: 18/01/2018  
ARTIGO ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 21/06/2018